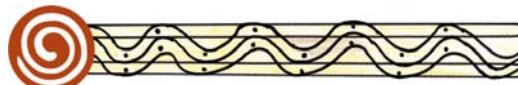


MUSEU A VIVO

INFORMATIVO DO MUSEU DO ÍNDIO / FUNAI • ANO 19 • NÚMERO 30 • DEZEMBRO DE 2007 A MARÇO DE 2008

DESTAQUE

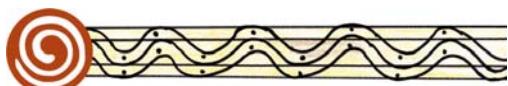


**Museu do Índio entrega
85 anos de registros culturais
aos Parintintin**

Página 2



ARTIGO

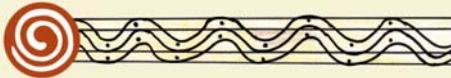


**A comemoração
como lugar de
memória – O Dia do Índio**

Página 4



EDITORIAL



Mais um ano se passou com o objetivo maior cumprido: o de informar e divulgar a cultura indígena brasileira em todos os seus aspectos.

Nesta edição, destacamos o acordo celebrado entre o Museu do Índio e a Organização do Povo Indígena Parintintin, que ocorreu durante a inauguração do Centro Cultural Boreí. A nossa equipe estava lá e registrou tudo. A cobertura completa você pode conferir nas páginas 2 e 3.

O Museu ao Vivo abre um espaço para divulgação de pesquisa, prestigiando os servidores desta casa, com a publicação do artigo da jornalista Cristina Botelho, mestrandona em Memória Social. Descobrimos que unidos o sonho se torna realidade. E você leitor que nos acompanhou, durante este ano, é parte integrante de um todo que anda junto e faz acontecer. Agradecemos a todos que estiveram conosco. Deixamos aqui o nosso abraço de Boas Festas. Estaremos de volta em 2008. Que ele seja repleto de boas notícias e grandes realizações.

Até lá! Assessoria de Comunicação Social

MUSEU AO VIVO

Ano 19 | Nº 30 | Dezembro de 2007 a Março de 2008

Informativo do Museu do Índio/FUNAI
Editado pela Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Justiça

Tarso Genro

Presidente da FUNAI

Márcio Augusto Freitas de Meira

Diretor do Museu do Índio

José Carlos Levinho

Assessoria de Comunicação Social

Redação / Revisão

Cristina de Jesus Botelho Brandão
(Reg. Prof. RJ 15633 JP)

Rosângela de Oliveira Abrahão
(Reg. Prof. RJ 16125 JP)

Marta Gontijo

Anna Clara Chermont e Renata Cristina Vieira da Silva (estagiárias)

Fotos: **Waud Kracke, Alexander Noronha, Cristina Botelho, Rosangela Abrahão e acervo Museu do Índio – 1922**

Tratamento de imagem: **Cristiano Pellegrini**

Editoração: **MURO Produções Gráficas**

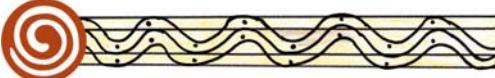
5 mil exemplares

Rua das Palmeiras | 55 | Botafogo
CEP 22270-070 | Rio de Janeiro, RJ
Telefone 21 2286-8899
comunicacao@museudoindio.gov.br
www.museudoindio.gov.br

Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



DESTAQUE



Aldeia Parintintin, no Amazonas, ganha casa de cultura e acervo histórico audiovisual



Novo espaço valoriza patrimônio cultural Parintintin

O Centro Cultural Boreí dos Povos Indígenas do Alto Madeira, na Aldeia Traíra, Terra Indígena Nove de Janeiro, município de Humaitá, foi construído com o objetivo de fortalecer as comunidades indígenas do sul do Amazonas na confecção e na comercialização de artesanatos, na realização de eventos tradicionais e na divulgação do patrimônio cultural indígena da região. Além de contribuir para que as tradições indígenas sejam preservadas e repassadas às novas gerações, o novo espaço, inaugurado no último dia 2 de dezembro, vai possibilitar a realização de encontros e estimular o intercâmbio entre artesãos de diversas etnias, viabilizando a inserção comercial do artesanato indígena como caminho para a geração de renda. O projeto apresentado pela AER Funai-Porto Velho prevê o beneficiamento de cerca de dois mil indígenas de 22 aldeias diferentes, das et-

"O Museu do Índio (a parceria com o MI) ... vai abrir as portas de outros museus para que a gente possa fazer este trabalho de resgate (da cultura indígena) para o Centro Cultural Boreí. Será importante isso, não só para os Parintintin, mas para todas as outras etnias também."

Valmir Parintintin, chefe do Posto Indígena Parintintin e coordenador da OPIPAM

nias Parintintin, Tenharim, Apurinã, Mura, Pirahã e Jiahui. A construção do Centro Cultural Boreí é uma realização da Coordenação Geral de Artesanato-CGART da FUNAI.

Museu do Índio disponibiliza aos Parintintin seus acervos audiovisual e textual

Os Parintintin são a primeira etnia a receber, de forma oficial, material etnológico resultante de pesquisas, tratado e sistematizado pelo Museu do Índio. Escrito em português e na língua Kagawahiwa, o Termo de Acordo de Cooperação foi firmado entre a instituição e a Organização do Povo Indígena Parintintin do Amazonas-OPIPAM durante a inauguração do Centro Cultural Boreí.

Dentro de seu Programa de Pesquisa e Documentação, o Museu do Índio desenvolve um sistemático trabalho de tratamento de acervos bibliográfico, textual, audiovisual e museográfico. Um dos principais objetivos do programa é promover o acesso das comunidades indígenas con-



temporâneas às informações culturais e históricas produzidas por seus povos ou a eles referenciadas, incluindo registros de natureza lingüística, textual, imagética e sonora, como também documentos etnográficos coletados por diferentes pesquisadores ou instituições.

O Projeto Parintintin-Kagwahiwá, que teve início no ano de 2000, permitiu a realização de um cuidadoso trabalho de recuperação e tratamento técnico, incluindo digitalização, de toda a documentação produzida pelo antropólogo e professor Waud Kracke, da Universidade de Illinois, EUA,

ao longo de mais de 30 anos de pesquisa. Iniciada em 1966, a coleção Waud Kracke totaliza 67 horas de gravação contendo valiosas informações sobre a história, relações de parentesco, rituais e outros aspectos do modo de vida e da cultura Parintintin, além de mais de mil registros visuais, entre fotografias e desenhos. Toda a documentação é complementada com o acervo disponível no Museu do Índio – documentos coletados em 1922-1923 pelo antigo Serviço de Proteção aos Índios-SPI, e registros fotográficos e sonoros feitos nas décadas de 80 e 90 por diversos pesquisadores.



Professor Waud Kracke entrega aos Parintintin a documentação que produziu ao longo de mais de 30 anos de pesquisa.

“Daqui uns anos, nosso filhos vão ver, caso a gente não estiver vivo, vai ter a Casa de Cultura para ser tipo uma escola, coisa que os jovens vão aprender, coisas que não sabem... , isso pra gente será um privilégio.”

Roque Parintintin, liderança na Aldeia Canavial e presidente da Associação Kuarantan, núcleo local da OPIPAM

Nahã`tinehe:

Considerando que:

Are OPIPAM- Organização do Povo Indígena Parintintin do Amazonas, are`opotá`arehistória kagwahiwá Parintintin`nhandé`rangawa kiro`arekokatui aref`ágã rangawa e`rakaé e kiró`tiaho`herua arehistória co`gã tapaíngã`werohopá kiro`arewererekokatu ti mondó cunumim Parintintin`gäpe.

A Organização do Povo Indígena Parintintin do Amazonas (OPIPAM) está interessada em criar um acervo digital da cultura Parintintin para fins de preservação adequada dos registros coletados e a serem coletados, bem como para garantir o acesso a tais registros pelas futuras gerações Parintintin.

Trecho do Termo de Acordo redigido em Português e na língua Kagwahiwá

Sobre os Parintintin

Falantes do dialeto Kagwahiwá, da família lingüística Tupi-Guarani, os Parintintin somam, hoje, uma população de 380 pessoas que vivem em duas Terras Indígenas, homologadas em 1997: Ipixuna (215.362 ha) e Nove de Janeiro (228.777 ha), na região do alto e médio Rio Madeira, município de Humaitá (AM). Moradores nas aldeias Canavial (TI Ipixuna), Traíra e Pupunha (TI Nove de Janeiro), atualmente os Parintintin vivem da extração de castanha, do fabrico de farinha de mandioca e artesanato para venda. Alguns trabalham como funcionários da FUNAI, como agentes de saúde e de saneamento, professores, merendeiras de escolas, pilotos de barcos para transporte de alunos, etc.

Fontes: Valmir Parintintin, chefe do Posto Indígena Parintintin e coordenador da OPIPAM, e Roque Parintintin, liderança na Aldeia Canavial e presidente da Associação Kuarantan, núcleo local da OPIPAM (depósito dado em novembro 2007, no Museu do Índio).



Sobre Waud Kracke

O antropólogo Waud Kracke, professor da Universidade de Illinois, EUA, realizou pesquisa de campo junto aos Parintintin em diversos períodos entre 1966 e 1992. Participou, também, como pesquisador convidado da equipe responsável pelos trabalhos de identificação e demarcação da terra indígena Parintintin, em 1985. A equipe foi chefiada pelo antropólogo José Carlos Levrino, atual diretor do Museu do Índio.



A comemoração como lugar de memória – O Dia do Índio

Cristina de Jesus Botelho Brandão*

Neste artigo, pretendo abordar a comemoração enquanto lugar de memória no sentido dado pelo historiador francês Pierre Nora (1993)¹: lugar onde uma sociedade ancora sua memória. Para tanto, também utilizei o referencial teórico de Michael Pollak (1992)² que explica ser possível encontrarmos lugares de apoio da memória na memória mais pública, isto é, os lugares de comemoração.

Penso a prática comemorativa como um lugar de memória, onde se ancoram sentimentos, lembranças, tradições e o sentido da identidade de um grupo. O passado é comemorado e construído como acontecimento e, nesse processo, misturam-se o presente e o passado. Com a comemoração, materializa-se a memória. Não mais esqueceremos o fato, ele, agora, está marcado em um calendário.

Segundo Pierre Nora, os lugares de memória nascem da consciência de que não há memória espontânea. "A memória é vida, carregada por grupos vivos", aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, em permanente evolução. São lugares com efeito nos três sentidos da palavra - material, simbólico e funcional -: de registros escritos a datas comemorativas, passando por celebrações e símbolos, até museus, bibliotecas, obras de arte.

Já que a memória espontânea não existe, é necessário documentar o presente e relembrar a todo momento o passado. Multiplicam-se os lugares de memória. Os momentos de celebração cristalizam memórias que não podem se perder, sentimentos que intensificam o presente, funcionando como elemento de identificação para todos que participam da prática comemorativa.

Como exemplo de prática comemorativa, destaco, aqui, a celebração do Dia do Índio, no dia 19 de abril, que acontece, no Brasil, desde 1944. Com a criação do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, por Darcy Ribeiro, em 1953, diversas ações vêm sendo realizadas por esta instituição para festejar a data como danças e cantos indígenas, além de filmes, palestras e eventos educativos para crianças. A programação conta, freqüentemente, com a presença de índios. Aliás, o próprio Museu do Índio foi inaugurado, como parte da Seção de Estudos – SE do antigo Serviço de Proteção aos Índios – SPI, em 19 de abril, em comemoração ao Dia do Índio.

Agora, um breve histórico dessa data. Na década de 30, surgiram as primeiras idéias a respeito de um programa indigenista continental. Somente sete anos mais tarde da VII Conferência Interamericana, no México, e dois anos depois da VIII Conferência Inter-

nacional Panamericana, desta vez ocorrida em Lima, Peru, é que, em 1940, o México acolheu o primeiro Congresso Indigenista Interamericano que propôs aos países da América a adoção da data de 19 de abril para o Dia do Índio.

No Brasil, isso aconteceu ainda mais tarde. Nosso País cumpriu essa recomendação através do Decreto-lei nº 5.540, de 2 de junho de 1943, assinado pelo então Presidente Getúlio Vargas. Em 1944, o País começou a festejar a data com solenidades, atividades educacionais e divulgação da cultura indígena. Desde, então, passou a existir a comemoração do Dia do Índio.

Por ocasião da primeira comemoração, em 19 de abril de 1944, do Dia do Índio no Brasil, o então General Rondon, na sessão realizada pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios – CNPI (anterior à atual Fundação Nacional do Índio), discursou:

Devo dizer igualmente, aos dignos colegas do quanto me tocou a **manifestação unânime de todos os jornais desta Capital, em comunhão conosco**, no decurso das solenidades em que pregamos toda a vibração do nosso amor. Intimamente, tais manifestações nos sensibilizaram e nos fizeram refletir que o sentimento de nacionalidade domina a orientação social e política do povo brasileiro. O nosso primeiro ensaio repercutirá no **espírito público**, e me convenço de que firmará **prática comemorativa**, de salutar **reação cívica...** (COMISSÃO RONDON, 1946, v. 100, p. 17) (grifos meus).³

Identifica-se, no trecho acima, a preocupação com a organização da memória nacional, estabelecendo relação entre ela e a origem indígena. Hoje, a comemoração do Dia do Índio continua, mas como um lugar de memória que para Nora é onde a memória se cristaliza e se refugia. "A nação não é mais o quadro unitário que encerrava a consciência da coletividade" (NORA, 1993). A celebração do Dia do Índio é um lugar para registrar e lembrar o passado, onde a memória dos primeiros

habitantes se cristaliza. Também, atualmente, a imprensa, principalmente a mídia televisiva, celebra a "cobertura" dessa festa, lembrando aos brasileiros a cultura indígena, agora, como fragmento de nossa história, de nossa identidade.

As emissões ao vivo da programação do Dia do Índio fazem parte das comemorações, também, como lugares de memória. São celebrações midiáticas, em forma de narrativas, que colocam em relevo a questão da memória, reatualizando o passado.⁴

Nos próximos anos, poderá não haver mais o Dia do Índio no Museu do Índio. Mas essa comemoração estará presente, certamente, na memória das crianças que, nos anos anteriores, visitaram o museu levadas por suas escolas para festejar o Dia do Índio. E, também, em tantas outras cabeças que viram pelas TVs esse acontecimento. O aprofundamento do assunto acontece na minha pesquisa "A construção discursiva da comemoração do Dia do Índio no Museu do Índio pela mídia televisiva" no momento em fase de análise de dados. O estudo é uma contribuição ao processo de reflexão sobre a construção da memória nacional.

¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez., 1993.

² POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

³ COMISSÃO RONDON. *19 de abril – O Dia do Índio – As comemorações realizadas em 1944 e 1945*. Rio de Janeiro, 1946, v. 100.

⁴ BARBOSA, Marialva. *Jornalistas, "senhores da memória"?* Trabalho enviado para o NP 02 – Jornalismo, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

* A jornalista faz parte da equipe de Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio/FUNAI. Atualmente, é mestrandra do Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS (Linha Memória e Linguagem) do Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, sob orientação da Profª Dra. Evelyn Orrico.